



## Os desafios da pandemia da Covid-19 ao jornalismo local Um recorte da realidade em Juiz de Fora

Gracielle Loures Nocelli<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Este artigo visa compreender os impactos da pandemia da Covid-19 no jornalismo, sobretudo, aquele com caráter local, direcionado à população de cidades do interior. Para isso, será feito o recorte da realidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, a partir da análise de três importantes jornais da cidade: os noticiários MG1 e MG2, da Rede Integração, afiliada da Rede Globo, e a Tribuna de Minas, que possui versões impressa e digital. A proposta é entender as mudanças e os desafios para a prática jornalística neste período e discutir os rumos da atividade pós-pandemia.

**Palavras-chave:** Covid-19 no Brasil; Jornalismo local; imprensa de Juiz de Fora; novo coronavírus; pandemia..

### 1. Introdução

A pandemia da Covid-19 tem desafiado a atividade jornalística no Brasil, sobretudo, aquela realizada nas cidades do interior. A proposta deste artigo é analisar como tem sido a cobertura da imprensa neste período em que o jornalismo se mostra crucial para informar corretamente a população sobre um problema inédito, mas também é atingido pelos impactos da nova realidade imposta pela doença.

---

<sup>1</sup> Autora do artigo. É jornalista, membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime) da Faculdade de Comunicação da UFJF e repórter do jornal Tribuna de Minas.

Para isso, iremos traçar os panoramas mundial e nacional da Covid-19, com base nos dados divulgados pelas autoridades de saúde. Também iremos mostrar o emba-te entre o Governo federal e a imprensa, o que tem dificultado o acesso aos dados e re-forçado a importância do jornalismo para a democracia do país.

Posteriormente, apresentaremos as características do jornalismo local que o tornam referência para o seu público. Por meio do resgate da história da imprensa em Juiz de Fora, iremos pontuar a sua relevância para a população local e dos municípios do entorno.

Focaremos o nosso trabalho nos telejornais MG1 e MG2, da Rede Integração, afiliada da Rede Globo, e a Tribuna de Minas, do Grupo Solar Comunicação, que possui versões impressa e digital. Por meio de entrevistas com jornalistas, iremos analisar o que mudou na realidade de produção destes veículos, em decorrência da Covid-19, e quais destas mudanças devem ser consolidadas como novas práticas do jornalismo.

## **2. A humanidade contra o novo coronavírus**

A identificação do novo coronavírus (SARS-CoV-2) revelou-se um dos maiores desafios à humanidade. Pesquisadores de vários países têm se dedicado a buscar respos-tas para as muitas dúvidas da população mundial. Paralelamente, governos criam estra-tégias de combate à disseminação do vírus, enquanto profissionais da área da saúde tra-vam uma luta diária para salvar vidas.

De acordo com o relatório mais recente da Organização Mundial da Saúde / Organização Pan-Americana de Saúde (OMS/OPAS, 2020)<sup>2</sup>, o número de pessoas in-fectadas em todo o mundo era de 17.106.007 até 31 de julho deste ano. Deste total, 668.910 não resistiram.

Medeiros (2020) explica que os coronavírus integram uma grande família viral e são conhecidos como causadores de infecções respiratórias há 60 anos. Em dezembro de 2019, um novo tipo foi detectado, sendo o responsável pela transmissão da Covid-19, uma síndrome gripal que provoca complicações pulmonares.

---

<sup>2</sup> Dados do último relatório divulgado enquanto o artigo era produzido.

Os primeiros casos noticiados da doença foram em Wuhan, na China. Posteriormente, houve a transmissão em progressão geométrica. Ainda não há certeza sobre a origem do SARS-CoV-2, indícios apontam que ele esteja relacionado a uma mutação do coronavírus que infecta morcegos. (MEDEIROS, 2020)

No dia 30 de janeiro de 2020, a OMS/OPAS declarou que o surto da Covid-19 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o mais alto nível de alerta previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março, a Covid-19 foi caracterizada como pandemia. Dentre as principais recomendações para evitar o contágio estão o isolamento social, o uso de máscaras e a assepsia das mãos. “O vírus é altamente transmissível por gotículas e contato. Calcula-se que uma pessoa com infecção o transmita para de duas a quatro pessoas.” (MEDEIROS, 2020)

Com base nos dados atuais, 40% dos casos parecem ter doença leve; 40%, doença moderada; 15% parecem progredir para doença grave; e 5% ficam em estado crítico. Pessoas idosas e com condições de saúde pré-existentes (como pressão alta, doenças cardíacas, doenças pulmonares, câncer ou diabetes) parecem desenvolver doenças graves com mais frequência do que as outras. (OMS/OPAS, 2020, meio digital)

A Covid-19 tornou-se um problema mundial capaz de evidenciar as fragilidades inerentes aos territórios acometidos por ela. Os impactos provocados pela doença foram diferentes em cada país. No momento de chegada da doença ao Brasil, o país vivia uma grave crise econômica e uma forte polarização política. Estas particularidades influenciaram na forma como a pandemia atingiu os brasileiros.

### **3. A Covid-19 no Brasil**

Pelo fato da Covid-19 ser um tema recente e ainda em estudo, as informações estão sendo produzidas e atualizadas. Para delinear o panorama nacional, iremos recorrer aos estudos técnicos da OMS/OPAS, aos dados do Ministério da Saúde, à literatura acadêmica e às notícias veiculadas em jornais até julho de 2020.

A OMS/OPAS (2020) aponta o Brasil como o segundo país com maior número de casos confirmados e mortes pela Covid-19. Até 31 de julho, o total de diagnósticos positivos era de 2.552.265, e os óbitos chegaram a 90.134. Os registros nacionais esta-

vam atrás apenas dos Estados Unidos, país com maior número de casos confirmados (4.388.566) e mortes (150.054) pela doença até a data mencionada.

No entanto, o número de casos no Brasil tende a ser maior, já que a infecção por Covid-19 pode se apresentar de forma assintomática em alguns indivíduos; a recomendação para aqueles que apresentam sintomas leves é realizar o tratamento em casa; e há, ainda, dificuldades para a realização de testes em massa.

Os primeiros kits para a realização de testes rápidos chegaram em abril. Para Silveira e Castro (2020), a expectativa era que o diagnóstico fosse facilitado, o que ajudaria a conter a disseminação da Covid-19.

Os testes rápidos para verificação de anticorpos podem facilitar o rastreamento dos contatos, vigilância sorológica local, regional, estadual e nacional, ou seja, um levantamento epidemiológico, o rastreio de pessoas assintomáticas e a identificação de quem já teve contato com o vírus e, portanto, pode ser imune – se houver de fato imunidade protetora gerada. (SILVEIRA;CASTRO, 2020, meio digital)

No entanto, a dificuldade para testar a população permaneceu após a aquisição dos testes rápidos. No dia 13 de julho, o jornal O Estado de São Paulo publicou a reportagem “Ministério entrega kit incompleto e Brasil só atinge 20% da capacidade de testes”, que denunciava a falta de insumos nos materiais distribuídos às Secretarias de Estado de Saúde.

Após quatro meses de pandemia no país e sucessivas promessas do Ministério da Saúde de realizar testagem em massa para conter a covid-19, o Brasil só atingiu 20% da capacidade de exames prevista para o período de pico. Além de distribuir menos testes do que o projetado, o governo federal também tem feito entregas de kits incompletos, sem um dos reagentes essenciais para processar as amostras, segundo afirmam Secretarias de Saúde ao Estado. O ministério diz já ter iniciado a compra de 15 milhões de unidades do reagente em falta e culpa a escassez global de insumos. (O Estado de São Paulo, 2020, meio digital)

Antes mesmo da identificação dos casos de Covid-19, o Brasil enfrentava um cenário político-econômico turbulento. A situação se intensificou por conta da postura negacionista do presidente Jair Bolsonaro com relação à doença, o que ocasionou uma crise dentro do próprio governo, culminando na troca de vários ministros. Entre março e julho, o Ministério da Saúde teve dois titulares, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, e passou a ser comandado pelo ministro interino Eduardo Pazuello.

#### 4. O embate entre o Governo e a imprensa

A cobertura da imprensa brasileira sobre o novo coronavírus ganhou destaque diante da disseminação da Covid-19. A partir da confirmação do primeiro diagnóstico no Brasil, os veículos passaram a divulgar diariamente informações sobre o assunto. Os números sobre a evolução da infecção, a realidade do atendimento nos hospitais e unidades de saúde, o avanço das pesquisas na área, os impactos econômicos e sociais da pandemia e as medidas governamentais de enfrentamento à doença foram alguns dos temas abordados.

O comportamento negacionista do presidente também ganhou os holofotes. As polêmicas declarações de Bolsonaro foram publicadas em diferentes veículos de comunicação. A capa do jornal Estado de Minas, do dia 29 de abril, é um dos principais exemplos (Figura 1).



Capa do jornal Estado de Minas do dia 29/04/20.

A página trouxe a foto do presidente em um fundo preto e, em destaque, a declaração dada à imprensa quando questionado sobre o número de mortes no país ter chegado a cinco mil: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.” A fala foi escrita em letras maiúsculas na cor branca.

Utilizo pesadelo macabro para qualificar o que aconteceria no Brasil caso prevalecesse, para enfrentar a atual pandemia, a perspectiva defendida pelo presidente Jair Bolsonaro. Felizmente, parte significativa da sociedade e suas instituições, não somente as científicas, têm posto resistência ativa ao desvario sinistro do presidente, de seus ministros e sequazes. Muitos governos municipais e estaduais, setores da mídia, de partidos políticos e do judiciário pautam-se em medidas cientificamente baseadas, em encontro aos esforços de organizações científicas que mobilizam pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). (CAMPOS, 2020, p.2)

Em junho, o Brasil foi destaque nos jornais internacionais após o Ministério da Saúde informar que não divulgaria mais os dados acumulados sobre a Covid-19. A decisão foi publicada nos jornais britânicos *The Guardian* e *Financial Times*, no norte-americano *The Washington Post*, na TV Americana *ABC News* e na emissora árabe *Al Jazeera*. (BBC NEWS Brasil, 2020, meio digital)

Após uma semana sem disponibilizar os dados, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que o Ministério da Saúde retomasse a divulgação, o que foi acatado pelo órgão. Em resposta ao entrave criado pelo Governo, G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Uol criaram um consórcio de veículos de imprensa dedicado à coleta e divulgação de dados sobre a Covid-19 que, de forma colaborativa, busca informações junto às Secretarias de Saúde dos estados.

Com a descoberta de um vírus de alto contágio e que pode ser fatal a muitas pessoas, a informação correta tornou-se ainda mais valiosa, capaz de salvar vidas. O papel da imprensa tem sido fundamental. O jornalismo tem contribuído para a manutenção da democracia no país, garantindo o acesso aos dados sobre a real situação em que vivemos. Lima (2020) afirma que “em tempos de governos não transparentes, de *fake news* e pânico, o trabalho jornalístico ajuda a orientar a sociedade em meio aos acontecimentos, que são inéditos”.

No entanto, apesar de toda a importância para o momento, a própria atividade jornalística foi muito afetada pela pandemia. Com o agravamento da crise econômica, muitos jornais tiveram queda da receita. As formas de trabalho também foram impactadas. Com o isolamento social, o contato direto com os entrevistados deixou de ser possível e as equipes de trabalho nas redações precisaram ser reduzidas. Esta nova realidade tem desafiado os veículos, principalmente, aqueles situados em cidades do interior.

## 5. O jornalismo local e a proximidade

O surgimento do jornalismo local no país está atrelado ao advento dos meios de comunicação de massa. Para Peruzzo (2005, p.69), historicamente, jornal, rádio e televisão tinham abrangência local ou regional. Esta vocação pode ser mudada após a chegada de tecnologias que permitiram a formação de rede e as transmissões nacionais.

O videoteipe permitiu a circulação de fitas gravadas e a transmissão de programas em nível nacional. Mas, como lembra Sandra Reimão (2000, p. 70), ele permitiu a troca de produções entre filiais de uma emissora, embora não se pudesse ainda falar propriamente em redes nacionais, o que só se dará a partir de 1969, com a instalação da rede de microondas da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). (PERUZZO, 2005, p.70)

A autora contextualiza que, na segunda metade dos anos 90, há o crescimento do interesse pelo jornalismo local. Este movimento ocorre em meio ao processo de globalização e, para ela, reflete questões identitárias por parte do público e, também, mercadológicas, no referente às empresas de comunicação.

Entre as principais características deste jornalismo, podemos citar a abordagem de assuntos da esfera local, que, em geral, não têm espaço na grande mídia. Os veículos retratam a realidade trabalhando a informação de proximidade. (PERUZZO, 2005, p.77).

Nilson Lage (1979, p.67) identifica a proximidade como um dos valores-notícia, e afirma que “o homem se interessa principalmente pelo que lhe está próximo.” Na visão do autor, os noticiários nacionais podem sofrer concorrência dos jornais locais, definidos por ele como “sistemas infinitamente menos poderosos, porém de mensagem mais próxima.”

Para Costa (2013, p.5), o jornalismo local tem como objetivo construir uma ligação com o público ao informar sobre o que acontece nas comunidades e, assim, promover a identidade cultural de cada região. A autora defende que se não houver espaço para este jornalismo, não há representatividade.

No contexto da pandemia da Covid-19, o jornalismo local exerce um papel social de suma importância ao informar sobre a realidade da doença nas localidades que abrange.

Para os residentes nessas localidades, mais do que nunca, o jornalismo é essencial para informar acerca de tudo que interessa, desde utilidade pública em atendimentos de saúde, número de infectados e vítimas até outras questões, como calendário escolar e horários de abertura do comércio, entre outros. (LIMA, 2020, meio digital)

Para Lima (2020), o momento exige que os jornais locais superem as dificuldades impostas pela estrutura reduzida, a crise econômica e as restrições impostas pela própria pandemia.

Nunca foi tão importante ter um jornalismo local forte e responsável em defesa do bem comum, da prevenção e de divulgar as ações essenciais para frear a pandemia. [...] Mesmo com estruturas pequenas e as limitações impostas pelas restrições de circulação, profissionais devem ter em mente que, neste momento, mais ainda, o bom jornalismo ajuda a salvar vidas. (LIMA, 2020, meio digital)

Considerada polo regional da Zona da Mata mineira, Juiz de Fora possui 568.873<sup>3</sup> habitantes e é responsável por atrair e influenciar milhares de moradores dos 141 municípios do entorno. A imprensa juiz-forana tem um lugar de destaque. Ativa desde o século XIX, mantém-se como principal fonte de informação para este público.

Por estas razões, iremos analisar como tem sido os impactos da pandemia da Covid-19 na realização dos três principais jornais da cidade: o MG1, o MG2 e a Tribuna de Minas.

---

<sup>3</sup> Dado da estimativa da população divulgado pelo IBGE em 2019.



## 6. A história da imprensa juiz-forana

Para compreendermos a imprensa de Juiz de Fora nos dias de hoje e a sua relevância para as populações local e do entorno, é preciso fazer um breve resgate histórico, que tem início no século XIX com as primeiras publicações impressas.

O jornal O Constituinte foi o primeiro a circular na cidade, em 1870. Até o ano de 1900, foram realizadas outras mais de cem publicações, dentre jornais, almanaques e revistas. Os conteúdos eram diversificados com natureza literária, política e até os humorísticos. (MUSSE, 2007, p.3).

No início do século XX, surgiram novas publicações, como o *Diário Mercantil*, em 1912. A partir de então, há o crescimento significativo da imprensa escrita. “Até 1930, Juiz de Fora é considerada uma espécie de centro jornalístico do estado.” (MUSSE, 2007, p.10)

A partir de 1940, a cidade passa a viver as experiências do rádio e do cinema e, na década seguinte, há o deslocamento da influência da mídia impressa para os meios eletrônicos. No início dos anos 60, a cidade passou a contar com o sinal de três emissoras cariocas: a TV Tupi do Rio de Janeiro; a TV Rio-Canal 13; e a TV Continental - canal 9. (MATA, 2011, p.67)

Entre 1960 e 1963, a TV Mariano Procópio, afiliada da TV Tupi, esteve no ar em caráter experimental. Mas foi no ano seguinte, em 1964, que Juiz de Fora ganhou oficialmente a primeira emissora com produção local: a TV Industrial.

O empresário juiz-forano Sérgio Vieira Mendes e seus filhos Gudesteu e Geraldo já eram proprietários das rádios Industrial e Difusora. A emissora que não era afiliada a nenhuma rede de TV nacional, obteve concessão federal na administração do então presidente João Goulart. (MATA, 2011, p.69)

É na década de 80, que vemos as raízes dos objetos de estudo deste artigo. O encerramento das atividades da TV Industrial, em decorrência de problemas financeiros, marca a chegada da Globo Minas à cidade. A emissora retransmitia o sinal da Rede Globo, e a programação local passou a contar com apenas alguns minutos nos telejornais sediados em Belo Horizonte.

Em 1981, o empresário Juracy Neves cria o jornal Tribuna de Minas que, em 1983, com o fim do Diário Mercantil, tornou-se a principal mídia impressa da cidade.

A primeira edição, publicada em 1º de setembro de 1981, foi marcada por presença ilustres, como a do então governador Francelino Pereira, que desembarcou no Aeroporto da Serrinha para testemunhar o nascimento de mais um periódico da cidade. [...] o jornal tinha como principal objetivo oferecer ao leitor uma diversidade de serviços, concedendo assim, um espaço para o debate dos mais variados assuntos. (HALFELD, 2013, p.29)

Em 1996, a Tribuna de Minas ganha a sua versão on-line. O site, chamado Tribuna Digital, permaneceu durante 15 anos como uma reprodução da edição impressa na internet. Somente em 2011, o jornalismo passou a ser pensado e produzido para a web. Atualmente, o portal recebe, em média, 10 milhões de visualizações por mês, o que corresponde a 13,8 mil acessos por hora<sup>4</sup>.

Em 1998, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama. De acordo com Mata (2011), neste momento, o objetivo era resgatar a produção local como forma de enfrentar a globalização e conquistar novos mercados publicitários. Os telejornais MGTV 1ª e 2ª edição passaram a ser apresentados dos estúdios da cidade.

Em 2003, a Globo vende as emissoras do interior, e o proprietário da afiliada TV Panorama passa a ser o empresário Omar Peres. Quatro anos depois, a Rede Integração, do empresário Tubal de Siqueira, com sede em Uberlândia, adquire 50% das ações da TV Panorama. A venda total da empresa acontece em 2012, quando há a mudança de nome e marca para a área de cobertura das regiões mineiras da Zona da Mata e Campo das Vertentes, com alcance em mais de cem municípios, abrangendo mais de dois milhões de habitantes. (MUSSE; GUIMARÃES, 2019)

A Rede Integração é afiliada à Rede Globo, e possui quatro geradoras no estado de Minas Gerais, nas cidades de Uberlândia, Ituiutaba, Araxá e Juiz de Fora, integrando várias regiões. [...] A TV possui equipes de jornalismo nas cidades de Uberlândia (“cabeça de rede”), Uberaba, Divinópolis, Araxá, Patos de Minas, Ituiutaba, Juiz de Fora e Barbacena. (MUSSE; GUIMARÃES, 2019, p.7)

Os antigos MGTV 1ª edição e 2ª edição, hoje são chamados de MG1 e MG2. Ambos são transmitidos de segunda a sábado, sendo o primeiro no horário de 11h45 e

---

<sup>4</sup> Dados disponibilizados pela Tribuna de Minas à autora em 16 de julho de 2020.

com duração de, aproximadamente, 60 minutos, e o segundo às 19h10, com duração de 15 minutos.

## **7. Os impactos da Covid-19 nos jornais juiz-foranos**

A pandemia da Covid-19 trouxe impactos diretos para a produção, o conteúdo e a distribuição da informação. Um dos primeiros reflexos percebidos no jornalismo juiz-forano foi a mudança no formato do MG1 e do MG2. Desde o dia 28 de março, o público que estava acostumado a assistir reportagens de cunho local passou a acompanhar notícias de todas as praças da rede.

A apresentação do MG1, até então realizada do estúdio da emissora na cidade, passou a ser feita de Uberlândia. O MG2 continuou sendo apresentado de Juiz de Fora, mas com exibição para as demais praças. Ambos passaram a veicular notícias de todas as outras cidades.

A editora e apresentadora Érica Salazar diz que a redação foi dividida em duas equipes para reduzir o número de funcionários na empresa e garantir o distanciamento social. “Fizemos escalas de 15 em 15 dias. Assim, passamos a ter jornais compartilhados, pois seriam poucas pessoas para fazer todo o conteúdo.” (SALAZAR, 2020)

O novo formato desafiou a emissora a encontrar uma linguagem para as várias identidades apresentadas no vídeo.

Com os jornais compartilhados, passamos a dividir espaço com Uberlândia, Divinópolis, Uberaba, Ituiutaba e Patos de Minas. Cada região com a sua identidade sendo mostrada em um jornal só, virou uma "salada mista". Foi uma dificuldade, precisamos buscar uma linguagem em comum. É difícil? É! Mas é uma tentativa para tentar preservar a saúde dos funcionários. Cada um tem o seu sotaque, as suas preferências, o seu modo de paginar o jornal, mas nesse momento, tivemos que nos unir e tentar achar uma linguagem universal. (SALAZAR, 2020)

O conteúdo também sofreu interferências. O bloco com notícias de cultura foi extinto por conta da paralisação de eventos e da política da emissora de não divulgar apresentações realizados pela internet, considerada concorrência. A apuração e os processos de produção da reportagem também foram modificados.

No telejornalismo, nós tivemos a dificuldade de não podermos ir a todos os lugares, não podermos levar o microfone às pessoas [...] Perdemos o “olho no

olho”. Em vez da equipe de reportagem ir até o local e poder aprofundar a apuração, foi preciso o produtor solicitar um vídeo ao entrevistado. [...] Nós conhecemos novas práticas de fazer telejornalismo e muitas vão ficar como, por exemplo, o envio desses vídeos. O telespectador se acostumou a enxergar uma imagem diferente, feita por smartphone e outros meios que não são as câmeras da televisão. (SALAZAR, 2020)

Segundo Salazar (2020), as mudanças resultaram em queda da audiência dos telejornais, creditada, por ela, à perda da identidade, ao estranhamento à mudança de apresentadores e aos conteúdos distantes da realidade local. Assim, outro desafio, fruto da pandemia, tem sido a reconquista dos telespectadores.

Para a Tribuna de Minas, um dos primeiros impactos foi a redução na distribuição do impresso. Com as restrições ao funcionamento do comércio, incluindo a paralisação das atividades das bancas de jornal, o produto foi mantido apenas aos assinantes, e o site tornou-se o principal veículo de informação.

Os jornalistas passaram a trabalhar em regime de *home office*. Como as informações sobre a Covid-19 ganharam destaque nas edições, repórteres de outras editorias passaram a contribuir com esta cobertura. Marcos Araújo, repórter das áreas de segurança pública e direitos humanos, e Mauro Moraes, que atua na cultura, foram alguns dos profissionais realocados. A apuração passou a ser realizada, exclusivamente, por meio da tecnologia.

Com o isolamento social, o telefone, o WhatsApp, o Facebook, o Instagram e os e-mails têm sido as formas com as quais lidamos com as fontes. Isso impacta a construção da reportagem, que pode ganhar novas nuances quando o repórter está frente à frente com sua fonte, quando pode observar, no local, as situações e relatar no texto o que viu. Além disso, muitos assessores de imprensa também estão em *home office*. Assim, uma demanda que poderia ser obtida de forma mais rápida acaba demorando mais porque o assessor não está no seu local de trabalho e precisa utilizar outros métodos para acessar dados e autoridades. (ARAÚJO, 2020)

A impossibilidade de fazer entrevistas presenciais também afetou o conteúdo do jornal. O caderno de cultura interrompeu a coluna Outras Ideias<sup>5</sup>. “É um tipo de trabalho que exige contato. Por e-mail ou telefone não faria sentido, e o vídeo não é aces-

---

<sup>5</sup> Seção que apresenta as histórias de personagens conhecidos no imaginário juiz-forano e outros, com-pletos desconhecidos, invisíveis no vaivém da cidade. Criada em 2014 e publicada semanalmente.

sível para muitas das minhas fontes. Assim, fui chamado para escrever histórias de vidas afetadas pela Covid-19.” (MORAIS, 2020)

Em março, a Tribuna de Minas publicou as matérias “O medo de juiz-foranos que trabalham nas ruas” – que mostrava a preocupação de quem não tinha a opção de fazer o isolamento social, como coletores de lixo, motoboys e entregadores de gás - e “Coronavírus: na linha de frente, tensão e medo afligem profissionais de saúde” - que relatava a realidade destes profissionais na cidade - , intensificando o caráter local do trabalho jornalístico.

Em maio, o jornal buscou humanizar os números crescentes da Covid-19 contando a história de Marcos Marliére, músico conhecido na cidade e vítima fatal da doença, pela perspectiva da filha Bruna.

Nós noticiamos a morte e, no dia seguinte, a Bruna nos procurou querendo falar. Era uma narrativa muito forte e não cabia a mim nenhum tipo de interferência. Não podia fazer a matéria no formato tradicional de colher o depoimento e reescrevê-lo. Estructurei a entrevista de forma que as respostas garantissem uma narrativa, assim, eu não mexeria nas palavras dela. Esse cuidado com a forma era essencial naquele momento. (MORAIS, 2020)

Foi a partir desta publicação que o jornal decidiu contar outros relatos, reunidos na matéria “As saudades que os números da coronavírus escondem em JF”, publicada em junho. Segundo Moraes, este trabalho trouxe vários desafios como a dificuldade do acesso aos dados das vítimas, a apuração à distância de um tema delicado e a responsabilidade com o impacto das informações para os entrevistados. Para ele, a apuração mediada pela tecnologia interferiu negativamente no resultado.

Essas pessoas estavam extremamente fragilizadas, e eu não tive nenhuma outra relação de intimidade com elas. Fiz entrevistas curtas por telefone e deixei que elas me contassem o que estivessem dispostas. Era importante preservá-las. Tivemos muito cuidado na apuração, na escrita, na diagramação. Não pensei que tantas pessoas iriam agredir a Tribuna da forma que aconteceu. Pensei que os leitores iriam se sensibilizar, como muitos se sensibilizaram, mas teve uma repercussão negativa para uma grande parcela do público, acredito que pela polarização política que vivemos. A principal crítica era que estávamos criando um terrorismo. Muitos familiares foram nos comentários do site para defender nossa iniciativa. A gente entendia que aquilo era para falar do drama da Covid-19 na cidade, reforçar a mensagem de proteção, mas, sobretudo, era uma homenagem. Poucas vezes na minha história no jornal eu senti medo, essa foi uma delas. (MORAIS, 2020)

Para ele, o caráter local do jornalismo vai além de retratar a cidade. “Se não tivermos uma relação com o entrevistado, com o leitor e com o lugar, não teremos o local como marca.” (MORAIS, 2020) Por isso, ele acredita que a manutenção das relações medidas com as fontes pós-pandemia será um aspecto negativo para a construção das informações. Já Araújo e Salazar acreditam que a experiência na pandemia irá fortalecer o jornalismo local.

A pandemia potencializou a necessidade do jornalismo para a sociedade. Se antes da Covid-19, o Brasil polarizado, ideologicamente, colocava em xeque, por uma parcela grande da população, o conhecimento científico, a pesquisa, o saber, a educação e o jornalismo profissional, o coronavírus mostrou que são imprescindíveis. Afinal de contas, informação verdadeira, bem apurada, pode salvar vidas e também serve de antídoto contra a ignorância. (ARAÚJO, 2020)

## 8. Conclusão

A pandemia da Covid-19 evidenciou a importância do papel social da imprensa no combate às *fake news*, garantindo informação correta à sociedade. Também reforçou a contribuição do jornalismo à democracia. No entanto, apesar de destacar esta relevância, impactou profundamente a atividade jornalística. A queda de receita e o isolamento social interferiram na rotina do jornalismo e revelaram um momento desafiador, sobretudo, para os jornais do interior, que contam com menos recursos e menor número de funcionários.

É no momento em que a população dessas localidades mais precisa do jornalismo, que realizá-lo tornou-se mais difícil. Em Juiz de Fora, este paradoxo é retratado pelas experiências dos telejornais MG1 e MG2 e o jornal Tribuna de Minas.

Não podemos afirmar com certeza quais serão os rumos do jornalismo local. É fato que, assim como tantas outras atividades, ele também será transformado. É necessário que as empresas de comunicação busquem alternativas para preservá-lo, pois a população do interior também quer ter a sua própria história retratada. Novas práticas podem ser incorporadas no processo de produção, mas é importante não perder de vista a qualidade e o foco local do trabalho.

## Referências

- ARAÚJO, M. **Entrevista concedida à autora.** Juiz de Fora, 31 jul. 2020.
- BBC NEWS BRASIL. **Brasil é destaque no mundo por não divulgar dados de mortes por Covid-19.** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52967730>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- CAMPOS, G. W. S. **O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios.** Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.
- COSTA, C.V.F. **O papel do jornalismo na fiscalização do poder.** Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto, 2013.
- HALFELD, R.R. **Os desafios da notícia na era digital: Análise das Manchetes e Submanchetes das versões impressa e on-line do jornal Tribuna de Minas.** Trabalho de conclusão de curso. Juiz de Fora: Faculdade de Comunicação da UFJF, 2013.
- LAGE, N. **Ideologia e Técnica da Notícia.** 3ª edição. Petrópolis. Vozes, 1981
- LIMA, R. A. **A responsabilidade ainda maior do jornalismo local em tempos de pandemia.** 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-local/a-responsabilidade-ainda-maior-do-jornalismo-local-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- MATA, Jhonatan Alves Pereira. **Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local.** Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFJF, 2011.
- MEDEIROS, E.A.S. **Desafios para o enfrentamento da pandemia da Covid-19 em hospitais universitários.** Rev. paul. pediatr., São Paulo, v. 38, e2020086, 2020. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822020000100101&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822020000100101&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 de julho
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portal Institucional,** 2020. Disponível em: <https://saude.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. 2020
- MORAIS, M. **Entrevista concedida à autora.** Juiz de Fora, 28 jul.2020.
- MUSSE, C.F. **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940).** In: **Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste,** 2007. Juiz de Fora (MG).  
\_\_\_\_\_; GUIMARÃES, M.F.P. **Memória MGTV: as estratégias de rememoração no telejornalismo local.** In: **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** 2019. Goiânia (GO).
- O ESTADO DE SÃO PAULO. **Ministério entrega kit incompleto e Brasil só atinge 20% da capacidade de testes.** 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-entrega-kit-incompleto-e-brasil-so-atinge-20-da-capacidade-de-testes,70003361971>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha Informativa**. 2020. Disponível em: [www.paho.org/bra](http://www.paho.org/bra). Acesso em: 1 ago. 2020.

PERUZZO, C. M. K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005

SALAZAR, E. **Entrevista concedida à autora**. Juiz de Fora, 18 jul. 2020.

SILVEIRA, A.M.S; CASTRO, S.B.R. **A importância dos testes rápidos no diagnóstico da covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/22/a-importancia-dos-testes-rapidos-no-diagnostico-da-covid-19/>. Acesso em: 17 jul. 2020.